

# SemFor

## Seminário de Formação do Cefapro

**Avaliação e a Formação Continuada no contexto da pandemia**

Cefapro de Rondonópolis – Mato Grosso  
14, 15 e 16 de dezembro de 2020

---

### ANÁLISE DO ENSINO DO GÊNERO ORAL NO LIVRO DIDÁTICO NOVO PITANGUÁ

Maria Inês de Farias Oliveira<sup>1</sup>

Poliana Rodrigues Florentino<sup>2</sup>

Vânia Santos da Silva<sup>3</sup>

**Eixo Temático:** Práticas Pedagógicas e Avaliação das aprendizagens

**Resumo:** Esse artigo buscou investigar como os Gêneros orais aparecem nas atividades dos livros didáticos do 1º ciclo do ensino fundamental – Novo Pitanguí, utilizado em uma escola estadual, obra aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático 2019 para o ensino de Língua Portuguesa. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), 1998, cabe ao professor trabalhar os gêneros textuais, assim, algumas reflexões a respeito do livro didático e em como os autores orientam esse trabalho. A pesquisa foi de cunho documental, tipologia descritiva, com análise qualitativa, com o livro didático do 1º ano, foco no desenvolvimento da leitura e escrita, buscamos averiguar alguns aspectos da aquisição da língua materna.

**Palavras-chave:** Gêneros textuais orais; livro didático; Ensino da língua materna

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar como é abordado o gênero textual oral no livro de português utilizado na escola. Diante da perspectiva do trabalho com o gênero cabe ao professor assumir um papel ativo de orientador na construção do conhecimento dos alunos. O livro didático é um material de apoio que fornece aos professores e alunos uma abordagem abrangente e integrada dos conteúdos.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras/ Português pela UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso, professora efetiva da SEDUC-MT, e-mail: [mariainesmariaines.lp10@gmail.com](mailto:mariainesmariaines.lp10@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso, professora do SME – Sistema Municipal de Ensino de Primavera do Leste, e-mail: [profpolialf@gmail.com](mailto:profpolialf@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduada em Letras pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, professora da SEDUC-MT, e-mail: [vaniasantossilva2014@gmail.com](mailto:vaniasantossilva2014@gmail.com).

É preciso estabelecer relações entre os conteúdos e as situações cotidianas dos alunos, respeitando os conhecimentos trazidos por eles, a partir de suas vivências os assuntos precisam ser agentes na construção do conhecimento e estabelecer relações entre os conhecimentos científicos e o papel do aluno na sociedade.

O termo “oral” vem do latim *osoris*, que significa boca. Tudo o que é transmitido pela boca é oral, e oralidade vincula-se a linguagem falada. Ao ato de fala, relacionam-se também a entonação da voz, seu ritmo e a acentuação. A voz (som) é a materialidade do texto oral, que assim como o texto escrito, permite a interação social, cultural e política por meio da linguagem.

O livro de Língua Portuguesa Novo Pitangá do 1º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental traz o conhecimento como essencial para a formação do cidadão com uma postura participativa na sociedade, capazes de interagir de forma crítica. A coleção deste livro é composta por cinco volumes (1ª o 5º ano EF) com oito unidades temáticas, lembrando que esta pesquisa é com livro do 1º ano do 1º ciclo.

As unidades são formadas duas páginas de abertura, nas quais uma imagem e algumas questões têm o objetivo de levar os alunos a realizarem reflexões iniciais sobre o tema abordado.

As páginas dos conteúdos, as seções especiais e as atividades apresentam imagens e outros tipos de recursos que favorecem a compreensão dos assuntos e instigam o desenvolvimento de um olhar crítico para os temas apresentados.

## **O TRABALHO COM GÊNEROS ORAIS NA PRÁTICA**

A introdução do gênero oral na escola visa objetivos próprios de aprendizagem para aprender a dominar um gênero e ser capaz de transferir esta aprendizagem para outros gêneros. Assim, é preciso proporcionar situações em que o aluno possa estar próximo de verdadeiras situações de comunicação para que tenham sentido e finalmente dominar o gênero de referência, diferenciando dos objetivos escolares.

À escola cabe possibilitar a aquisição necessária para a adequação às situações sociais do uso social da língua, ensinando-lhes “padrões linguísticos de prestígio para as

situações mais formais, ao lado das formas coloquiais adequadas pra as situações mais correlatas” (MESSIAS, 2001, p.6).

A partir que se entende a língua e texto como um conjunto de práticas sociais, a oralidade e o letramento estão ligados em seu uso no cotidiano, sendo assim uma complementa a outra. Os textos orais na escola sempre tiveram uma abordagem mais restrita aos aspectos formais e estruturais, mas ao considerar aspectos comunicativos e interacionais, é possível ter aulas, onde o próprio aluno constrói seu conhecimento a partir da interação.

Marcuschi diferencia oralidade e letramento:

**oralidade** seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso [...]. O **letramento**, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade [...]. A **fala** seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano [...]. A **escrita** seria um modo de produção textual-discursivo para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica [...]. (MARCUSCHI, 2001, p. 25-26, grifos do autor)

Seguindo este raciocínio a escrita não é um atributo de todos os grupos humanos, pois existem sociedades ágrafas (cultura, povo e língua que não tem registro escrito) que preservam seus usos e costumes e desenvolvem sua cultura por meio da oralidade. A linguagem oral é inerente ao ser humano. Geraldi (2006) pontua que a linguagem é de interação humana. Por meio de dela, o sujeito que fala, pratica a ação falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

As práticas de ensino de Língua Portuguesa por muito tempo não consideravam a língua oral como oportunidade de ensino aprendizagem. Deste modo, resultou que o trabalho com o gênero oral não foi privilegiado na escola, o que resultou a formação de indivíduos que não eram capazes de elaborar textos orais devidamente estruturados e de adequar a linguagem à situação de comunicação, se eram, não era na escola que desenvolviam esta habilidade.

Com o desenvolvimento das Ciências da linguagem, Linguística textual, a Análise da conversação, a sociolinguística e a Análise do discurso, as metodologias de ensino de língua

materna foram repensadas e surgiram novos paradigmas para as aulas de Língua Portuguesa. Os gêneros textuais orais e escritos passam a ser o centro do processo do trabalho de alfabetização e letramento, pois são neles que as palavras adquirem significado e se faz presente a dimensão discursiva de um autor: seja a criança a autora do discurso, fazendo-se presente por meio de sua voz, seja ela leitora do discurso do outro, em busca de significados.

A maioria dos textos orais estão vinculados à fala cotidiana, transmitidos de geração a geração. Quando começam a ir para a escola, as crianças já levam, embora em níveis diferentes, conhecimentos adquiridos nas relações familiares e sociais, sabem observar, participar de conversar e estabelecer relações. Toda bagagem trazida para o convívio escolar permite acréscimos, e as crianças continuam a ampliar seus horizontes de compreensão do mundo e da linguagem o tempo todo. Assim, a linguagem verbal é parte do processo de qualquer aprendizado, pois integra práticas sociais de escrita com práticas sociais da oralidade, sempre estimuladas no ambiente escolar.

Schneuwly e Dolz (2004) apontam que embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula (nas rotinas cotidianas, na leitura de instruções, na correção de exercícios etc.), afirma-se frequentemente que ela não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante as atividades diversificadas e pouco controladas.

O professor precisará mostrar ao aluno que não há fala errada, e sim situações diferentes maneiras de uso da fala, ao ingressar na escola traz consigo algumas formas de linguagem que podem apresentar variações, às vezes não propícias para determinados momentos. Cabe ao professor ensinar-lhe a variante culta da língua, chamando sua atenção para demais variantes e orientá-lo como e quando usá-las, ressaltando o respeito a todas as formas de expressão e cuidando para evitar situações preconceituosas ou de exclusão por conta das diferenças.

É importante vivenciar situações do dia a dia em que o uso da oralidade varia, dependendo da interação e das características do interlocutor. É necessário ainda que o professor reflita sobre a variedade linguística para compreender determinados aspectos da variante do aluno na sua fala e escrita.

Se o objetivo da escola é ensinar o funcionamento da língua, é preciso incentivar a fala e a escrita, bem como mostrar os recursos mais adequados aos diferentes contextos de comunicação, é preciso criar condições para que o aluno exponha suas ideias de forma

clara, utilizando argumentos sólidos ao defendê-las. Efetivar o aprendizado da oralidade e tudo que a envolve, como seu uso social, o ritmo, a acentuação é um objetivo a ser alcançado por meio de situações significativas que envolvam atividades orais.

Para desenvolver sua capacidade de expressão oral o aluno precisa sentir-se seguro. Não é suficiente ter o que falar, mas sim, e principalmente saber que sua forma de expressão será acolhida e respeitada.

Atividades de *retextualização* proporcionam conhecimentos sobre o texto oral e o texto escrito, além de contribuir para a percepção de que a fala tem uma sistematicidade e uma ordenação próprias. Nesse contexto, para melhor compreender o movimento que se dá entre aluno-conhecimento-mediação do professor, é necessário entender a natureza do homem, do conhecimento, e da linguagem.

Existem eventos falados mais planejados do que alguns escritos, são gêneros do cotidiano que circulam nas famílias, requerem uma linguagem mais informal, menos planejada. Contudo, há gêneros tanto orais quanto escritos, típicos das situações mais formais e que exigem mais cuidados e planejamento por parte do locutor. Não é possível isolar um tipo de linguagem de outro, nas situações de oralidade estes gêneros estão intrinsecamente ligados à linguagem escrita que geralmente lhes serve de apoio. Por essa razão, as práticas de linguagem oral exigem a mesma atenção, como objetos do conhecimento, quanto qualquer outra prática.

Schnewly apud Rojo (1999) afirma que o oral não existe; existem orais: atividades de linguagem realizadas oralmente; gêneros que se praticam essencialmente por meio da oralidade. Ou então atividades de linguagem que combinam oral e escrito. De fato, há pouco em comum entre a performance entre de um orador e a conversação cotidiana; entre a tomada de turno num debate formal e numa discussão de grupo de trabalho; entre uma aula dada e uma explicação dada numa situação de interação mediata; entre um conto em sala de aula e a narrativa de uma aventura no pátio do recreio. Os meios linguísticos diferem fundamentalmente; as estruturas sintáticas e textuais são diferentes; a utilização da voz, sempre presente, também se faz diferente; e também a relação com a escrita é específica em cada caso.

## **ANÁLISE DA UNIDADE**

A oralidade está presente nas atividades nos boxes e seção ao longo das páginas. Seguindo o que aponta Marchuschi (2002), entende-se que uma abordagem consistente da oralidade é fundamental para que os alunos tenham uma visão plena da heterogeneidade da língua e complementem a aquisição dos procedimentos cognitivos necessários ao leitor/produzidor de textos.

É importante falar que em sala de aula o trabalho com a modalidade oral da língua não deve ser confundido com “corrigir” a fala do aluno, trata-se de organizar atividades em que gêneros orais sejam produzidos e em que se reflita sobre a função da língua oral nas interações verbais, bem como os níveis de formalidade e a variedade adequada que cada gênero/situação requer. Para estar condizente com esses pressupostos, é importante que o trabalho em sala de aula se organize em torno do uso que privilegie a reflexão dos alunos sobre as diferentes possibilidades de emprego da língua.

Em análise da unidade 1 do livro Novo Pitangá Língua Portuguesa do 1º ciclo do Ensino Fundamental o gênero oral tem o objetivo de identificar o conhecimento prévio do aluno sobre o tema escola. Sugere leitura imagética estimulando todos os alunos a participarem da troca de experiências, permitindo que se expressem livremente. Na atividade “conectando ideias” sugere que o professor oriente os alunos na identificação dos elementos da obra de arte.

O diálogo entre os alunos, pode leva-los a refletir sobre atenção que devem ter enquanto o colega estiver falando, a escolha do momento certo para iniciar uma fala e quais expressões empregam mostrando respeito e cordialidade. Nesse momento o livro também traz conteúdos atitudinais, pois nesse momento podem começar a compreender como funciona uma sala de aula, da necessidade da escuta, respeito à fala do outro e da necessidade do silêncio em alguns momentos.

A atividade contempla as habilidades da BNCC (EF01LP0): expressar-se em situações de intercâmbio oral com autoconfiança (sem medo de falar em público) para explorar e apresentar informações, esclarecer dúvidas, trocar ideias, propor, criar ou engajar-se em jogo ou brincadeira (EF01LP01) e a “Participar de conversação espontânea reconhecendo sua vez de falar e de escutar, respeitando os turnos de fala e utilizando de

forma cortês ( cumprimentos e expressões como “por favor”, “ obrigado (a)”, “com licença” etc.), quando necessário.

À medida que o aluno é exposto a situações nas quais ler e ou escrever são centrais para interações, ele vai se apropriando, pouco a pouco do discurso, presentes nos textos escritos que lê ou produz. Tais saberes passam a integrar o modo como ele produz seus textos oralmente. Numa via de mão dupla, a oralidade alimenta e põe em debate os temas, tópicos e gêneros explorados, modificando os pontos de vista manifestados na recepção e na produção de textos escritos, enquanto a escrita alimenta de volta essa mesma oralidade, que volta a se modificar num ciclo contínuo de aprendizagem.

Na seção antes da leitura do livro sugere que os alunos realizem a leitura da capa do livro para levantar hipóteses sobre o tema de um dos poemas. Logo após, sugere que o professor faça leitura expressiva do poema e que os alunos acompanhem a leitura percorrendo o texto com o dedo e seguindo a ordem da leitura de cima para baixo e da esquerda para a direita. Sugere ainda que o professor apresente ao aluno o livro *Amigos do peito* de Cláudio Thebas e que o poema ser lido faz parte do livro. Faz uma breve biografia do autor, e pede para estimular os alunos a levantarem hipóteses sobre o tema do poema apresentado na seção leitura considerando a ilustração e o título do livro.

A seção estudo do texto apresenta atividades que os leva a compreender o texto de forma global e expressar a opinião sobre o que leu. Por ser um tema do cotidiano dos alunos, podem utilizar suas próprias experiências de vida na resolução das atividades.

Apresenta 12 atividades de escrita, somente as questões nove que solicita que o aluno releia um trecho do poema juntamente com o professor , além de permitir um trabalho com as rimas para perceber a sonoridade das palavras e a questão doze que solicita a opinião de forma oral sobre se gostou do poema e argumentar na resposta.

No boxe ‘roda de conversa’ pede para se fazer uma alusão à escola do passado e se possível mostrar uma foto de uma sala de aula antiga para perceberem a mudança ocorrida ao longo do tempo, e apresentar o Estatuto da criança e do adolescente mostrando os principais direitos que as crianças têm garantidos por lei. Sugere a apresentação de livros com a temática sobre os direitos previstos no Estatuto, como *Tire o pé do meu direito*; tudo o que você sempre quis saber sobre seus direitos, de Tiago de Melo Andrade.



A seção “A convivência na escola” leva a refletir sobre como as atitudes podem influenciar o outro e a percepção de que é importante respeitar e conviver bem com o próximo contribuem para um bom relacionamento. Ainda pede para estimular os alunos a mencionarem atitudes que contribuem para manter o bom relacionamento com as pessoas da escola.

A atividade oral é incentivada de forma indireta, pois pede que os alunos façam a decodificação de imagens do dia-a-dia, porque o tempo todo somos bombardeados por imagens que exigem o nosso entendimento. Por essa razão, é importante que tenham claro que a imagem se presta a transmitir uma mensagem, uma informação, a qual precisa dar conta de decodificar, compreender, ler.

A “fala\escrita se imbricam de tal forma que, em certas situações são interdependentes: os orais podem se aproximar do escrito e mesmo dele depender- como é o caso da exposição oral” ou se distanciar como na conversa do cotidiano. Na atividade abaixo explica que os símbolos podem ser encontrados em vários lugares, mas somente quando são partilhados pelas pessoas assumem significado e veiculam uma ideia ou mensagem.

Para verificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero história em quadrinhos pede para que façam perguntas sobre as mesmas. A subseção chama a atenção para as imagens evidenciando que no gênero história em quadrinhos elas são essenciais para a construção do sentido do texto, além das personagens. O texto verbal e não verbal é interdependente para que o sentido se construa.

Na seção produção oral e escrita a atividade destaca a interação em grupo no planejamento de regras de boa convivência, ainda pede a produção de regras que serão organizadas num cartaz que serão expostas na sala de aula por cada grupo. O trabalho com a oralidade destaca o desenvolvimento de forma ampliar a familiarização dos alunos com situações de aprendizagem que contemplem eventos diversificados de letramento.

Sabe-se que o trabalho do professor é de extrema importância e este deve estar preparado pra exercê-lo. Considerando que a prática é dinâmica, aberta e com possibilidades. Cabe ao profissional estar em constante formação, pois a qualificação se dá a partir da reflexão para a ação (antes), reflexão na ação (durante) e reflexão sobre a ação e sobre a reflexão para e na ação (após a prática). A partir daí, há possibilidades de intervenções



pedagógicas que resultem em aprendizagem. A escola deve ser o local de trabalho e ao mesmo tempo espaço de formação, possibilitando que a prática e as teorias estudadas dialoguem entre si, proporcionando uma reflexão sobre a prática pedagógica.

O diálogo entre professores é interessante para que haja uma discussão dos saberes das ciências com as quais trabalha e o saber-fazer do cotidiano da sala de aula. A reflexão coletiva sobre a prática possibilita a tomada de consciência de que o professor tem um saber acumulado da sua experiência que precisa ser partilhado, oportunizando como é abordado consolidar os saberes da sua prática profissional e do outro.

Há de se pensar também nos registros durante o processo de busca da prática transformadora, da mudança, pois o professor é um pesquisador que busca superar os desafios do cotidiano escolar.

[...] pode-se dizer que existe sempre um conhecimento prático que se mostra nas ações cotidianas do professor e uma reflexão durante a ação, pois constantemente ele precisa tomar atitudes imediatas, mas esse conhecimento precisa ser potencializado no processo de formação por meio da reflexão a posteriori, de forma que, compreendendo o conhecimento subjacente à sua atuação, o professor possa ampliá-lo, transformá-lo e torná-lo alimentá-lo para novas ações. (ROSA, 2002.p 161)

A reflexão sobre a prática traz uma importante responsabilidade no desenvolvimento profissional do professor que busca a prática de ensino voltada a observar, analisar e principalmente refletir sobre suas ações cotidianas na sala de aula com a utilização do livro didático. Neste contexto se pensa a prática como objeto do conhecimento deve-se estabelecer o processo de ação -reflexão-ação por meio de estudos que dialogam entre teoria e prática.

Dessa forma o grande desafio do professor é pensar no ensino para tornar-se um facilitador entre os alunos e conteúdo a ser aplicado, relacionando-o a situações cotidianas no contexto onde estão inseridos para que o processo ensino aprendizagem auxilie na resolução de situações vividas no dia- a- dia.

A importância do ensino de gêneros textuais orais se dá a partir do momento que se compreende o que é gênero e que este se articula como prática social e da sua importância no desenvolvimento da habilidade de produzir textos orais e escritos. O grande desafio dos professores é pensar no ensino para se tornar um facilitador entre os alunos e conteúdo a ser

aplicado relacionando-o a situações cotidianas no contexto onde estão inseridos para que o processo ensino e aprendizagem auxiliem na resolução de situações vividas no dia-a-dia.

## CONCLUSÃO

O trabalho com a oralidade pode ser realizado por meio de atividades que permitam aos alunos tanto ouvir quanto falar, justificando-se assim a importância do trabalho valorativo entre a oralidade e a escrita como forma real de organização social. Assim foi possível perceber que no livro pesquisado aparecem poucas atividades orais, o que é possível compreender, pois ainda há uma cultura escolar que supervaloriza a leitura e a escrita. Não se pode diminuir o quanto significativo são os aspectos mencionados anteriormente, no entanto já existem pesquisas suficientes para evidenciar a oralidade como aspecto fundamental na aquisição da língua materna. Portanto os livros ainda deixam a desejar nesse aspecto, e a organização do pensamento e a fala em sua totalidade ficam prejudicados.

Assim fica a encargo do professor que utilize outras situações de aprendizagem para além dos manuais didáticos, e quando o professor não tem muito claro essa fundamentação de oralidade clara, a falta de um livro que norteie esse percurso pode colocar o docente ainda mais distante da oralidade no percurso da aquisição da Língua.

Desse modo ao considerar faz-se necessário considerar que o livro didático é um recurso metodológico para o ensino, que deve ser complementado e adaptado. Quando necessitar de alguns ajustes, o professor o fará, de modo a alcançar principalmente, o objetivo ao qual se pretende e que não está disposto no material, ou mesmo não aparece no momento desejado.

Nesse sentido, cabe ressaltar a importância do professor na condução desse processo, ele tem papel fundamental em selecionar e organizar conteúdos para suas aulas. Garantir que o planejamento se efetive e contemple os aspectos orais é fundamental para que o trabalho com a oralidade seja efetivado.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. In: SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim. Gêneros Oraís e Escritos na Escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, Beth. **Escrevendo na escola para a vida**. In Rangel. E. O. e Rojo, R. H. (orgs.) Coleção Explorando o ensino - Língua Portuguesa, Brasília, MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010

MESSIAS, R. A. L. A linguagem oral e o ensino de língua portuguesa. In: V CONGRESSO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES. **Caderno de Resumos do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes**. Ouro Preto, 2010, não paginado. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu1006.htm>. Acesso em: 17 nov. 2019.

ROJO, Roxane H. R. **Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso?** São Paulo: LAEL PUC-SP, 1999.